

Um corpo, uma alma e um olhar

Ismael Silva¹

ORCID: 0009-0000-7834-4135



Figura 1 – Mulheres indígenas no Acampamento Terra Livre, Brasília. 2024.



Figura 2 – Mulheres indígenas no Acampamento Terra Livre, Brasília. 2024.

¹ Fotógrafo documental e doutorando em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: ismaelpafricanista@gmail.com



Figura 3 – Jovens indígenas no Acampamento Terra Livre, Brasília. 2024.



Figura 4 – Homem indígena no Acampamento Terra Livre, Brasília. 2024.

Ao longo de 2024, fui tomado pela experiência de viver e fotografar povos indígenas. Viver vem antes de fotografar, pois só é possível fotografar o que já aconteceu. Fotografar é sobre o que foi visto, sentido e vivido. É nesse contexto que reside a relevância da imagem: documentar. Mas documentar sob o ponto de vista de quem? Quais atravessamentos? Quais afetações? Essas indagações nos recolocam no centro do debate sobre a contribuição das imagens para o pensamento sócio-antropológico brasileiro.

Etienne Samain, em seu clássico *Como pensam as imagens?* (2012), provoca-nos: "Por que as imagens nos fazem pensar?". Mais tarde, Samain (2021) convida-nos a repensar nossa relação com as imagens, questionando suas camadas de sentido. De forma igualmente brilhante, Sylvia Caiuby Novaes, no artigo "The eloquent silence of photographic images and their importance for ethnography (2014)"², afirma que a fotografia nos faz falar, mesmo diante dos silêncios de um olhar frequentemente pré-moldado. Concordo profundamente com ambos, especialmente ao refletir sobre os silenciamentos nas imagens, que muitas vezes parecem apenas reproduzir estéticas paisagísticas superficiais.

O sentir e o viver vêm antes do clique. A fotografia é resultado e consequência dessas interações. Peter Burke, em *Testemunha ocular: história e imagem* (2004), apresenta a imagem como um testemunho da relação da humanidade com o imagético, algo tão antigo quanto a própria história da espécie humana. No entanto, a fotografia, surgida no século XIX com o desenvolvimento da máquina fotográfica, trouxe à humanidade a capacidade de congelar o tempo. É intrigante pensar o que, de fato, é congelado na fotografia, considerando que ela é quase sempre sobre quem a tira e raramente sobre quem aparece nela. A fotografia é sempre um olhar sobre e o olhar de.

E o que acontece quando os sujeitos historicamente fotografados — os exóticos, os condenados da terra (no conceito fanoniano) — passam a fotografar? O que dizem essas imagens? Quem está disposto a ouvir esses gritos e gemidos? E quem deseja ouvi-los? No Brasil, os estudos sobre fotografia que abordam questões de raça e cor estão marcados por dores e silenciamentos. A fotografia que atravessa os séculos XIX e XX é permeada por sangue, choro e suor. Essas imagens não apenas comunicam; elas gemem de dor. Mas é possível — e urgente — esboçar outra narrativa imagética sobre nós mesmos. Uma narrativa que nos permita sorrir e acalantar a alma. Uma onde a dor e a desgraça não sejam nossas únicas sombras. Precisamos de imagens que ressoem brilhos, afetos e esperança.

Referências

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

NOVAES, Sylvia Caiuby. The eloquent silence of photographic images and their importance for ethnography. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 11, n. 2, 2014.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens?* São Paulo: Annablume, 2012.

Recebido em 02/12/2024

Aprovado em 02/12/2024

Publicado em 31/12/2024